

Desenvolvimento Sustentável e Geração de Renda: Uma Combinação Possível?

Sustainability and income: possible combination?

Rosalina de Santa Cruz Leite*

Resumo: O texto trata da contraposição entre desenvolvimento sustentável e as contradições geradas pelas relações capital – trabalho, avanço tecnológico, preservação do meio ambiente e a pobreza e a desigualdade social resultante do modo de produção e reprodução da vida material, social e espiritual, nas sociedades capitalistas contemporâneas.

Discute como as iniciativas de tecnologias alternativas, de desenvolvimento sustentável, de economia solidária como os empreendimentos populares de geração de trabalho e renda, podem contestar ou não o atual modelo de crescimento econômico.

A título de ilustração o texto faz uma reflexão sobre a experiência prática de geração de trabalho e renda da Oficina de bonecas com materiais recicláveis - Refazendo Vínculos, extensão universitária desenvolvida pela Faculdade de Serviço Social da PUC/SP, com jovens em situação de risco social e pessoal, envolvidos com o ciclo da violência, das transgressões e das drogas

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; pobreza e desigualdade; geração de trabalho e renda.

Desenvolvimento sustentável e geração de renda: uma combinação possível?

Algumas considerações iniciais

A humanidade hoje enfrenta um dos seus maiores dilemas: o de conseguir articular o avanço tecnológico, a preservação do meio ambiente, a pobreza e a desigualdade social. E se não encontrarmos rotas efetivas de saídas o resultado será catastrófico, uma vez que afetará a própria existência da humanidade e do planeta.

A crise contemporânea é resultado da lógica intrínseca do capitalismo que supõe a produção em função do lucro, da acumulação desenfreada e da exclusão de enormes contingentes populacionais da riqueza socialmente produzida. A globalização neoliberal em curso tende a agravar ainda mais esta situação com um custo humano imenso,

* Prof. Doutora da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Vice diretora da Faculdade de Serviço Social-PUC/SP e Coordenadora do campo de extensão universitária desta Faculdade “Refazendo Vínculos” – área de atuação adolescentes e jovens envolvidos com o ciclo da violência. Mestre e doutora em Ciências Sociais e Políticas pela PUC-SP- Graduação em Serviço Social-UFP.

resultado deste modelo de desenvolvimento que não inclui o homem (Dowbor,; Ianni, Resende,1999).

As questões da sustentabilidade e da satisfação das necessidades humanas estão sem dúvidas relacionadas ao projeto societário adotado. No contexto atual de globalização neoliberal a sociedade brasileira enfrenta devido as transformações do mundo do trabalho, sua flexibilização e precarização as sérias conseqüências deste modelo de produção para os trabalhadores, entre elas o crescimento do desemprego e do subemprego que tem levado no mundo capitalista os trabalhadores e as suas organizações sindicais a aceitarem alternativas de desregulamentação dos contratos de trabalho aumentando significativamente o número dos desfiliaados do mundo do trabalho e formatando um novo consenso entre as classes. (Castel, 1999; Antunes, 1999; Mattoso,1995).

Cada vez mais é gravemente afetada uma grande parcela da população do planeta, pelas relações que a globalização desigual que se desenrola sob a égide de um capital transnacional, que entre outras, reduz a capacidade decisória e de ação dos estados – nação. (Ianni Dowber e outros,1999,p.17) dividindo o mundo entre nações ricas,imperiais e nações pobres e dependentes.

A experiência terceiro mundista, em geral, e latino americana em particular, tem evidenciado os elos entre a desigualdade econômica a instabilidade política e as saídas autoritárias mascaradas de democráticas tão freqüentes em nossa história. Na análise das relações entre desenvolvimento e meio ambiente, merece consideração a forma diferenciada como a degradação atinge os países ricos e os pobres. Os países ricos têm como desafios resolver problemas como os decorrentes da poluição de rios, das usinas nucleares, da dificuldade em dar destino ao lixo, das doenças provocadas por excesso de alimentos, álcool, drogas e medicamentos. Já nos países pobres os problemas concentram-se na miséria: subnutrição falta de água potável e esgotos, lixões a céu aberto, falta de atenção médica e de medicamentos, consumo de álcool e drogas. Some-se a isso a exportação de indústrias que degradam o meio ambiente (químicas, petroquímicas e de celulose), e as intensivas em energia como as de alumínio. Agrava, sobretudo, esse quadro a situação de dependência e subordinação determinada pela gigantesca dívida externa dos países pobres, que os obriga a um esforço excessivo de exportação para pagar os elevados juros da dívida, ao custo de uma degradação descontrolada de seus recursos e patrimônio natural. (Viola e Leis, 1991).

Críticas consistentes também apontam para o caráter imitativo e inadaptado das fórmulas de desenvolvimento, transferidas desde os países imperialistas para os dependentes com conseqüências desastrosas tanto para o meio ambiente como para a qualidade de vida das populações dos países de economia dependente. A articulação das questões ambientais tecnológicas e a exclusão social são tão urgentes que se torna sem sentido querer estabelecer uma hierarquia de prioridades entre elas. Elas devem ser tratadas conjuntamente e devem se tornar num desafio a ser assumido

por todos e enfrentado por todos., devem está nas agendas nacionais e internacionais e nas ações do Estado e da sociedade civil como resistência e defesa.

Por outro lado, a reforma do Estado e sua passagem do Estado keynesiano para o Estado Mínimo, por sua vez reduziu em tamanho, papéis e funções o Estado em todas as nações. Desta forma o Estado deixa de ser o ator fundamental na implementação de políticas sociais. Sua omissão ou delegação para as organizações sociais e outras esferas da sociedade civil de atribuições antes de competência Estatal significou um retrocesso na efetivação de direitos sociais, reforçando uma visão privatista nas relações Estado, sociedade e mercado.

Esta visão privatista, a contribuição da sociedade civil, às correlações de forças estabelecidas pelos novos atores sociais abrem espaços de busca de novos caminhos de resistência e defesa da vida, do emprego, do meio ambiente de um lado, e de outro aumenta a poluição de terras, águas, ar e alimentos e a enorme exclusão de populações inteiras do acesso mínimo aos recursos que lhes permitam satisfazer necessidades básicas, até mesmo de sobrevivência o que tem levado populações à morte por fome, por envolvimento com o ciclo das violências em todo o mundo.

Esta lógica contraditória e excludente que gera e reproduz desrespeito à vida humana e ao próprio planeta são violências engendradas pelo próprio sistema. Desta forma, considerando o que foi dito não podemos mais tratar as questões do desenvolvimento tecnológico, o meio ambiente e a exclusão social de forma dissociada, tanto no plano político quanto no social, no econômico, como no que se refere a satisfação das necessidades humanas e a sua emancipação.

Será possível um novo modo de produção e reprodução da vida material que supere as injustiças sociais, os desastres ambientais, a acumulação de riquezas das grandes corporações transnacionais sem ferir interesses da classe dominante e do seu capital.

Mesmo estando a própria condição da existência da espécie humana na Terra ameaçada por este modelo de “desenvolvimento” adotado em quase todo o mundo, será possível esperarmos uma mudança radical da dinâmica produtiva pacificamente?

Mesmo que os efeitos da crise econômica, social e ambiental sejam desde já percebidos em todos os países, capitalistas globais, poderão os representantes das corporações multinacionais poderosas do mundo compreender e abdicarem da acumulação pessoal a qual não gastará nem em suas quatro ou cinco gerações subseqüentes?

A resolução deste desafio em sua plenitude só é possível quando essas contradições forem compreendidas como intrínsecas, não só ao sistema capitalista como ao modelo de desenvolvimento adotado em quase todo o mundo: o neoliberalismo Assim é impossível que este desafio possa ser um dia assumido por todos, seria negar o princípio da luta de classes. A necessidade de uma revolução de fato: ideológica,

política e ética é imprescindível, não só para que a emancipação humana se faça, mas para que a humanidade sobreviva neste planeta Terra.

Como isso parece não ser possível realizar-se em curto prazo, um desafio que se coloca e que é central para a sociedade é o de conseguir, enquanto não se transforma radicalmente a sociedade, buscar novas formas de produzir e consumir que questionem a forma capitalista de produção e reprodução da vida material. Neste sentido iniciativas como a agricultura familiar, as experiências de tecnologias alternativas, os grupos de geração de trabalho e renda de caráter artesanal, o mercado justo são ações que caminham na contramão do estabelecido, mas que não mudam a estrutura vigente.

O avanço tecnológico que beneficiam alguns - os donos do capital de forma especial, o crescimento econômico com concentração de rendas, o modelo neoliberal que considera como valores humanos mais importantes a esperteza, ser competitivo e competente, faz com que aqueles que possuem recursos financeiros se tornem cada vez mais competitivos e eficientes individualmente. Porém, principalmente destroem essas iniciativas colocando-as num lugar restrito da não competitividade que o mercado exige.

Hoje, o capitalismo, vive uma racionalidade pautada pela lógica individual e do lucro o que podemos denominar de uma racionalidade no campo individual dentro de uma irracionalidade coletiva. Os efeitos colaterais desta irracionalidade encontra-se na vida cotidiana das pessoas marcadas pelas violências urbanas, vidas perdidas pela falta de informação, de oportunidades, de esperança no futuro. Além da angústia, da solidão das sensações permanentes de fracasso, culpas e não pertencimento. A desqualificação e a humilhação social afetam de forma especial todos que não têm trabalho e renda e a juventude sem oportunidades.

Frente a este desalento e ao abandono social de parcelas significativas da população do planeta, parcelas da classe trabalhadora desprovidas de direitos e de acesso buscam formas de juntar-se a outros para encontrar alternativas para desenvolver ações solidárias e cooperativas que lhes permita viver e produzir. O grande desafio é o de construir alternativas de trabalho e renda que garantam a sobrevivência na estrutura produtiva capitalista. É preciso compreender os limites e as possibilidades desta ação numa sociedade de classes.

Os altos índices de pobreza e desigualdade, a acumulação desenfreada de riqueza na mão de poucos, a degradação ambiental evidenciam a inviabilidade de um desenvolvimento com justiça social apoiado na lógica do lucro e da exclusão. Assim, se os homens, em especial os poderosos e os pobres, também, são compelidos a destruírem, no curto prazo, os recursos dos quais dependem para subsistir no longo prazo. É preciso entender que esse modelo de modernização conservadora, caracterizado por um crescimento econômico não distributivo, tem resultados políticos nocivos, não só pela exclusão e a miséria que produz como na medida em que fragilizam a democracia e os

processos de participação política ao criar. Por outro lado, condições propícias às formas autoritárias de governo, já que as propostas verdadeiramente democráticas dificilmente se sustentam sobre padrões de distribuição de renda muito desiguais.

Uma questão chave: trabalho e renda para os excluídos

A afirmação das solidariedades sempre foi uma dimensão essencial no enfrentamento progressista da pobreza e da injustiça social, mas adquire um significado particular neste momento de globalização neoliberal. Pois se de um lado se fortaleceu o pensamento único decorrente do fim da experiência do socialismo real, por outro, em vários países o movimento social de defesa da cidadania dos excluídos, das minorias, das mulheres, de defesa do meio ambiente e os de caráter anticapitalistas vêm de um lado se fortalecendo mas contraditoriamente se enfraquecem no momento que suas ações passam a se caracterizarem, quase sempre, como iniciativas fragmentadas e desorganizadas.

A denominada “economia solidária” surge como forma alternativa de sobrevivência para alguns daqueles milhões brasileiros que não conseguem entrar no mercado de trabalho como assalariados devido as mudanças no mundo do trabalho como explica Pochmann (2003,p.139) ao justificar a implantação do Programa *Oportunidade Solidária* “ em São Paulo, no segundo governo do PT- Governo Marta Suplicy “ *Há hoje no Brasil milhões de pessoas organizando-se em variadas formas de trabalho que não têm mais na relação capital-trabalho de tipo assalariado sua centralidade*” segundo Pochmann há uma tendência contemporânea de ressurgirem formas de trabalho e produção da vida desenvolvidas em outros contextos históricos e que se resignificam no cotidiano das classes trabalhadoras como estratégias de sobrevivência

O que a meu ver, vale demarcar, é que são em geral formas de trabalho mal remuneradas e marginais ao sistema que sem possibilidade de sozinhas, sem um movimento popular de resistência ao capitalismo, se tornarem de fato alternativas de sustentabilidade ou de questionamento do modelo econômico vigente.

A emergência de um novo modelo de desenvolvimento social e econômico permanece subalternizada, mesmo com estas iniciativas hoje já institucionalizadas em alguns governos de caráter popular, inclusive, no atual governo federal que criou a Secretaria Nacional.

Entretanto tais ações são resultados da própria crise do neoliberalismo atual que já não responde como antes ao crescimento econômico, perdendo parte de sua legitimação política em decorrência das contradições que tem levado a um aumento da riqueza e a um avanço imensurável da exclusão. Conseqüências próprias da sua inviabilidade enquanto modelo de desenvolvimento sustentável. Nestas condições, a estabilidade do sistema se baseia, de uma forma mais imediata que no passado, na fragmentação das resistências; na concentração de poder e riquezas; na degradação do meio ambiente; do autoritarismo etc. Assim,

torna-se urgente para sua sobrevivência que o próprio sistema capitalista - neoliberal estimule solidariedades que devem “ajudar” e “ocupar” os pobres. sufocando e fragmentando, as ainda embrionárias. formas de resistências dos trabalhadores.

Neste sentido pergunto será mesmo, como dizem alguns autores que é no campo das solidariedades que os combates sociais e democráticos serão ganhos ou perdidos?. As iniciativas de economia solidária, de desenvolvimento sustentável, dos empreendimentos populares de geração de trabalho e renda. contestam o atual modelo de desenvolvimento ou são meras iniciativas apenas alternativas e residuais que contraditoriamente sustentam e negam o sistema?

Acredito que as iniciativas de economia solidária podem criar novas demandas por produtos que em sua concepção questiona a forma de produzir na sociedade capitalista de massas e que principalmente se realiza de outro ponto de referencia: a dos trabalhadores e o da solidariedade Porém, quase sempre não têm expressão para sequer dá visibilidade ao mundo capitalista que outra forma de produzir e consumir é possível. Mesmo que estas novas-velhas perspectivas criativas, de como as populações pobres resgatam sua cultura, sua iniciativa e sua criatividade ao cooperarem entre si, possam melhorar, até certo ponto a vida de todos os que os cercam, provavelmente não será a partir daí, desta cooperação, que estaremos começando a construir as relações solidárias e autônomas suficientes para enfrentar o problema da pobreza e da desigualdade social.

A Pobreza e a Desigualdade: uma questão conceitual.

Sabe-se que a pobreza e a desigualdade social são tão antigas quanto a humanidade e que ao longo da sua história os homens buscaram nas formulações teóricas e nas ações, explicações, justificativas e formas de enfrentar ou resolver o problema da desigualdade social e da pobreza Entretanto, ao longo desta história estes conceitos sempre foram polêmicos e fortemente influenciados por preconceitos e valores morais em geral centrados nas diferenças e responsabilidades individuais A pobreza, tem hoje uma grande variedade de interpretações e diferentes índices de quantificação. Os dados considerados oficiais no Brasil indicam 35 milhões e outros apontam 50 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza.

Pobreza e desigualdade de renda são conceitos independentes e nem sempre a elevação do nível de renda, isto é a elevação do PIB (Produto Interno Bruto) nos países capitalistas diminui as disparidades entre pobres e ricos, pode até reduzir níveis de pobreza mas quase sempre aumenta as desigualdades. Pois a elevação do PIB não supõe distribuição de rendas, ao contrário, pode significar maiores índices de concentração em determinados setores da economia já privilegiados.

A pobreza é geralmente definida como falta de renda ou como carência ou privação econômica relacionada ao fato da pessoa não ter

condições materiais de suprir sua própria sobrevivência e a de seus familiares. Os seguidores desta conceituação de pobreza partem do princípio que pobre é todo aquele que não consegue um padrão de subsistência mínimo, baseado na ingestão diária de um determinado valor calórico suficiente para sua sobrevivência e para reprodução da sua força de trabalho e da sua família. Portanto, inicialmente, pobreza e fome são quase sinônimos. Nesse enfoque, as necessidades humanas aparecem limitadas às necessidades da sobrevivência física – comer, vestir-se, ter moradia etc. A esta concepção pobreza corresponde uma de assistência. Desta forma os programas de geração de trabalho e renda e os demais programas de transferência de renda estão no fundo associados a uma concepção de pobreza.

Lena Lavinias (2003) define pobreza a partir do conceito de necessidades humanas básicas, composta por dois grandes grupos: o das necessidades existenciais que dizem respeito ao ser, ao ter, ao fazer e ao interagir; e outro, das necessidades de proteção, do afeto, da compreensão, da participação, da criação, do ócio, do pertencimento, da identidade e da liberdade. Esse conjunto de necessidades humanas segundo Lavinias dispensa uma hierarquização ou a dicotomia entre o que é fundamental e o que não é. Uma vez que todas essas necessidades para esta autora, mostram-se essenciais e devem ser garantidas em quantidade suficiente para todos.

A esta conceituação da pobreza é associada uma outra categoria a das necessidades humanas em seu sentido amplo, caracterizada como acesso a direitos, a cidadania, possibilidade de fazer escolhas e de ser autônomo. Sem autonomia, não há como assegurar aos indivíduos uma participação social plena e conseqüente. Sem autonomia para agir, as escolhas sobre o que fazer e como fazer tornam-se escassas e impossibilitam atingir metas e objetivos ao longo da vida. Portanto tão importantes quanto ter necessidades básicas atendidas é dispor de condições – meios - para assegurar seus direitos, poder exercê-los como cidadãos de direitos e desejos.

Entretanto, ainda hoje o enfoque que prevalece na definição da pobreza absoluta ou da indigência é o de definir a pobreza como um padrão de vida aquém do que é exigido para assegurar a mera subsistência ou sobrevivência física e biológica.

Partindo desse paradigma muitos autores como (Telles(1999)Wanderley, M.B; Bogus, L.M.M e Yazbek (2000)) contestam a abordagem da insuficiência de renda, de escolaridade, de saúde, de saneamento básico (adotadas para definir linhas de pobreza), preferindo a esta definição a da defesa da cidadania e do acesso aos direitos sociais políticos e econômicos, já que é a inadequação aos patamares aceitáveis do acesso aos direitos é que definem a exclusão. Os mais pobres que recorrem a assistência são aqueles que « *precisam suprir algumas das suas necessidades históricas e socialmente produzidas e que não se limitam a objetos materiais* » para Yazbek(2004,p.22) trata-se

de outras necessidades como :poder,trabalho,informação,oportunidades e esperanças.

Um outro enfoque complementar a este, vem de Castel (1999) caracteriza os pobres, enquanto categoria social como sendo aqueles que são « assistidos pela política pública de assistência social ». Pobres não são apenas aqueles que sofrem de déficits ou privações específicas, mas os que recebem assistência ou deveriam recebê-la, em conformidade com as regras sociais existentes. Por isso mesmo, nesta concepção a pobreza não pode ser definida como um estado quantitativo em si mesmo, mas tão-somente a partir da relação social com o Estado que resulta dessa situação específica-pobreza x assistência social. Nesta visão a pobreza não é só uma construção social, mas é enunciada como uma categoria específica que responde a critérios de identificação e de territorialidade.Portanto,trata-se de um conceito relacional que se expressa na relação entre aqueles designados como pobres e os demais na sua relação com Estado e com as políticas públicas da assistência social.

Logo, mas uma vez é reafirmado que os pobres não são aqueles que se encontram excluídos da sociedade ou à sua margem, mas os que, fazendo parte desse todo orgânico vivem estas relações contraditórias entre o capital e o trabalho e, muitas vezes, são contemplados por medidas assistenciais. Nesse sentido, dar assistência ao pobre ou combater a pobreza aparece como um fator de equilíbrio e de coesão social, que atua em prol da comunidade como um todo na sustentabilidade do « status quo ».

Os programas de enfrentamento da pobreza como os denominados de economia solidária,geração de trabalho e renda e os demais programas de transferencia de rendas atuam nas frinchas dos sistema e a sustentabilidade a que se propõem está longe da mudança estrutural que a sustentabilidade exige e perto das concepções que acreditam que os pobres podem ser menos pobres e continuarem a ocupar o lugar de subalternidade que lhes é reservado nesta sociedade.

É necessário pensar tais iniciativas articuladas às políticas públicas na área social, economica e do trabalho.(mesmo dentro da manutenção do « status quo ») uma vez que o amplo crescimento de contingentes populacionais excluidos do emprego,em condições de extrema vulnerabilidade nos desafia a colocar o tema da política pública na perspectiva de uma economia solidária na pauta do enfrentamento da pobreza.

Em São Paulo,no segundo governo do Partido dos Trabalhadores, a Secretaria do Trabalho coordenada pelo economista Márcio Pochmann implantou um programa denominado « Oportunidade Solidária » de fomento à cooperação, à economia solidária (cooperativismo,associativismo, redes, e outras formas de empreendimentos solidários) e à economia popular (micros e pequenos negócios individuais). Formentou-se uma economia popular e solidária, de gestão compartilhada e articuladas à uma rede solidária.A Prefeitura criou associado a este programa um outro que disponibilizaria créditos. A

Central de Créditos. São Pulo-confia! Foi difícil a implantação e com a mudança de governo o programa se perdeu.

O texto de Jaqueline O. Silva (2002) faz importantes referências a experiência de Porto Alegre-RS e faz uma reflexão sobre os mecanismos de inclusão e transformação, presentes nas experiências de economia solidária que transitam numa perspectiva contra hegemônica e que podem-se somar a outros processos de fortalecimento da sociedade civil e da democratização Estado-sociedade. Ao incidirem, simultaneamente sobre os processos de exclusão do trabalho e do acesso ao consumo de bens e serviços a economia solidária potencializa, também, oportunidades de desenvolvimento de sociabilidades de novo tipo.

Oficinas de Bonecas Refazendo Vínculos: Artes plásticas com materiais recicláveis. Uma experiência de geração de trabalho e renda que pode dar certo?

Com este texto pretendemos refletir, também, sobre uma experiência prática de geração de trabalho e renda que passamos a descrever e a refletir. Trata-se de uma experiência de extensão universitária desenvolvida pela Faculdade de Serviço Social, da qual sou coordenadora: com jovens em situação de risco social e pessoal, envolvidos com o ciclo da violência, das transgressões e das drogas

Esta experiência surge como um desdobramento do Serviço de Proteção Jurídico Social e de Apoio Psicológico Refazendo Vínculos Valores e Atitudes que atua na proteção e defesa de adolescentes e jovens em situação de risco com caráter multidisciplinar, dirigido a 120 adolescentes na faixa etária de 12 a 24 anos, de ambos os sexos em situação de risco pessoal e social e as suas famílias, residentes na região do Ipiranga, na cidade de São Paulo.

O Refazendo Vínculos, é um espaço onde se desenvolve a “Oficina de bonecas refazendo vínculos”, espaço onde a arte é educação e afloramento da imaginação. É oportunidade de expressão de sentimentos e produção artística. mas é também oportunidade de trabalho e renda.

O foco deste artigo é a oficina de artes plásticas com uso de materiais recicláveis que se iniciou em 2004 com a proposta de introduzir o trabalho com artes plásticas na acolhida dos adolescentes em situação de risco social e pessoal decorrentes de privações econômicas, de falta de acesso a cultura e a informação que chegavam ao Projeto Refazendo Vínculos para atendimento socioassistencial e jurídico. A idéia, de início era a de buscar estratégias de estímulo a atitudes pro-ativas desses jovens através da imaginação, da criatividade e da arte.

O grupo de jovens iniciou a experiência com as bonecas em 2004 quase por acaso, os adolescentes e jovens ao virem para a Oficina de Artes Plásticas com Materiais Recicláveis no projeto Refazendo Vínculos, todas as terças feiras a tarde, traziam o que catavam pelo caminho: garrafas peti, restos de papelão embalagens de suco, leite, latinhas e outros restos do lixo dos mais ricos do bairro. Iniciamos uma

atividade com um grupo pequeno de jovens para trabalhar com este material como um facilitador para a criação de vínculos entre nós- os educadores e os adolescentes. Na oficina fomos juntando montando, modelando e várias formas surgiram. Até que um dia pegamos uns restos de gaze engessada daquelas que usamos quando engessamos pernas e braços quebrados e garrafas peti e fizemos a primeira Boneca.

Eu, conduzia a oficina neste dia, quando tentava junto com as meninas iniciar uma discussão sobre relações de gênero. Sempre gostei de pintar, aprendera que é possível juntar cores, tintas ou lápis coloridos e com a nossa imaginação explorar recantos escondidos da nossa alma.foi assim que fiz por mais de um ano quando na cela de uma cadeia, na época da ditadura pintei nordestinas pobres, mulheres magras,pobres,coloridas que davam-me vida, emoção e ligação com o mundo externo .

Das discussões que surgiram nas rodas de conversas da Oficina de Bonecas do Refazendo (como ficou conhecido este espaço aberto e informal do projeto). Onde foram confeccionadas, com imaginação e liberdade bonecas de todos os tamanhos e cores, de caras tristes e risonhas, com histórias alegres, de luta, de vida, vinda da favela, do nordeste. E as meninas no grupo,enquanto pintavam, modelavam, vestiam suas bonecas iam compartilhando as questões de gênero tais como, sexualidade, a qualidade das relações entre homens e mulheres,entre mulheres, namoro, afeto, cidadania, violência doméstica e sexual, gravidez precoce, contracepção, etc.entre outras. E, assim o grupo foi crescendo e se fortalecendo.

E, quando juntos constatamos que só a tomada de consciência das questões acima citadas não resolvia um dos principais problemas das meninas: a privação econômica. O fato de serem de famílias de trabalhadores, desempregados, com muita privação econômica, agravado pela responsabilidade e necessidades que a gravidez precoce acarreta, a necessidade e a falta de oportunidade de emprego e de renda fez com que,a geração de trabalho e renda se apresentasse como uma urgência para o grupo.

Sendo assim, o grupo de Artes Plásticas juntou-se a Oficina de Formação Cooperativa para a Sustentabilidade- e juntos os jovens das duas oficinas elaboraram um projeto de geração de trabalho e renda, fundamentado nos princípios da Economia Solidária, acreditando que o empreendimento autogestionário como forma de produção é uma alternativa à realidade do mercado, que exclui estes jovens (pobres,com histórias de transgressões,vivência nas ruas ou em instituições fechadas) sistematicamente ou os “inclui” em condições desumanas. Quando modelando a massa, misturando a tinta, recortando os tecidos e gases descobrimos o quanto esta atividade fazia aflorar sentimentos, estimulando a criatividade, a imaginação e desenvolvendo habilidades para quem produz. .Nunca trabalhamos nem com moldes, nem com seriação. Cada boneca é uma criação que é recriada a cada nova realização.

A região está formando uma rede de apoio social às iniciativas locais e A Oficina de Bonecas com Materiais Recicláveis tem espaços abertos para as demais organizações sociais que atendem adolescentes e jovens. e para a inserção do produto nas feiras de economia solidária da região e em outros espaços da cidade. Em 2004, surgiu a necessidade de associar-se a uma outra oficina, que, também, se desenvolvia no mesmo espaço com o objetivo de garantir o fortalecimento da cidadania e a formação dos adolescentes nos princípios da economia solidária na perspectiva da construção e do gerenciamento de um empreendimento popular autogerenciado pelos jovens e os educadores - na fase de incubação que envolvia a formação e construção da identidade do grupo e da gestão compartilhada.

O grupo das meninas que fazia as bonecas no ano de 2004 se inscreveu e recebeu apoio financeiro do Fundo Angela Borba que fortaleceu o projeto de geração de trabalho e renda das meninas. O grupo foi se desenvolvendo, criando solidariedades, construindo uma identidade própria, exercendo a criatividade e um produto se destacou: a construção coletiva de bonecas de biscoito e gesso que foram expostas em feiras em diversos espaços da cidade, inclusive sendo comercializadas em lojas de artesanato. O sucesso das vendas e encomendas encorajou o grupo a continuar fazendo mais bonecas. Em 2005 efetivamos a parceria com a Oficina Arquimedes, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo que iniciou o pagamento do salário da arte educadora. Possibilitando a construção de um grupo mais formalizado.

Em 2005 inscreveu nossa iniciativa no Prêmio Cultura Viva e entre 2305 iniciativas inscritas a oficina de bonecas Refazendo Vínculos ficou entre as 100 semifinalistas do Brasil, na categoria “novas tecnologias”.

- O objetivo que nos propomos com esta oficina é, além da geração de trabalho e renda, o de transformar-se em um espaço pleno de liberdade e de criatividade favorecendo o desenvolvimento do potencial artístico e criativo dos envolvidos como um todo- idealizadores e jovens.
- Estimular o pensar, o sentir, o fazer e o protagonismo do jovem através da arte pois a autonomia que almejamos não é apenas econômica, é desenvolver a capacidade de fazer escolhas conscientes, de entender o funcionamento da sociedade que vivemos e de encontrar rotas de resistência e de transformações tanto do ponto de vista de um projeto pessoal

como coletivo. É a busca da liberdade de escolher caminhos com consciência e responsabilidade.

- Desenvolver a criação, a imaginação e a inteligência muitas vezes inexploradas por falta de oportunidades, mas acima de tudo dar a cada um destes jovens possibilidades de se tornarem atores políticos.

Problemas enfrentados

- Garantir uma ação coletiva e solidária quando nem todos os participantes do grupo têm o mesmo ritmo de criar e produzir, nem as mesmas habilidades, nem a mesma consciência é ética e política. A participação em vários eventos políticos e de exposição e vendas do produto gerou alguns problemas: como dividir as tarefas, como valorizar cada trabalho, como posicionar politicamente.

- A dificuldade de se expressar e criar sem reproduzir e sem repetir o que está dado pela sociedade de consumo foi e é um grande desafio.

- Dificuldades para colocar nosso produto no mercado, embora nossas bonecas fossem únicas, diferenciadas, assim mesmo sem uma proteção do Estado não conseguimos expandir na proporção do nosso potencial.

Algumas das dificuldades apontadas acima são oriundas da formação ideológica dos jovens que vivem numa sociedade regida pela competição, valorização do consumo e do individualismo. Para enfrentar esse problema reforçamos a formação baseada nos princípios da economia solidária e do socialismo. Outra, é fruto do descaso dos governos que preferem apoiar o capital financeiros e as grandes corporações a dar oportunidades de fato a iniciativas populares..

Para gerenciar o empreendimento solidário criou-se um fundo de caixa do empreendimento onde parte do dinheiro está sendo utilizado para comprar os materiais necessários para fazer as bonecas outra parte é dividida entre os membros do grupo de acordo com a produção de cada um. A experiência de auto gestão é incipiente apesar de rica.

Desafios atuais que a iniciativa enfrenta.

Muitos desafios já foram superados, outros estão sendo trabalhados: o grupo adquiriu uma identidade própria, coletiva e solidária e construiu um produto diferenciado e de grande aceitação. Iniciou a

comercialização dos produtos em lojas especializadas em artesanato e em feiras da economia solidária. Algumas dificuldades ainda precisam ser enfrentadas, tais como: Conhecer as formas de penetrar no mercado de distribuição de produtos de arte, participar de exposições artísticas e dar visibilidade ao seu produto é um desafio, entre muitos..

Avaliação:

O resultado alcançado é que o grupo se consolidou criando relações de solidariedade e afeto, que já reconhecem a importância da defesa do meio ambiente, da reciclagem ao desenvolverem a criatividade e a imaginação e aprenderam técnicas de transformação de materiais recicláveis em bonecas e outros objetos transformando-se em multiplicadores desta idéia.

Como os jovens do projeto, filhos da classe trabalhadora brasileira vêm enfrentando o desemprego, a miséria, a falta de oportunidades, a exploração e a violência em suas múltiplas faces. A ausência de atividades e de espaços de expressão cultural e de lazer e a degradação ambiental, a deficiência na formação intelectual, falta de estímulo e espaço para participação cultural e política, entre outros levam esses jovens a se envolverem no ciclo perverso da violência/ transgressão e drogas, contraditoriamente como algoz e vítima. Essa experiência serve para trabalhar o fortalecimento do protagonismo juvenil através de uma linguagem artística ao reconhecer a capacidade desses jovens em propor, criticar e criar suas próprias formas de expressão, de comportamento e realização pessoal. Porém o mais importante é acreditar que a juventude pobre e excluída pode transformar com radicalidade a sociedade que a oprime

Esta experiência tem, a nosso ver pontos fortes,mas insuficientes para coloca-la como uma alternativa de inclusão destes jovens.

-Tem apoio da Universidade (Faculdade de serviço Social da PUC-SP)

-Está articulada a uma ação dirigida a adolescentes e jovens em situação de risco

-Tem efeito multiplicador através da formação de novas parcerias

Tem um produto diferenciado e único no mercado que tem grande potencial de venda.

sem perder a criatividade e a imaginação,sem adotar a serie ou o molde.

- Facilita,pela sustentabilidade a inclusão social dos jovens não apenas pela renda ou trabalho que esta experiência pode proporcionar mas pela formação política, de gênero e a aproximação com o mundo do trabalho que os jovens experimentam.

Uma das maiores dificuldades é a inclusão no mercado e para enfrentar esta dificuldade fomos construindo parcerias, descobrindo a rede de economia solidária da cidade, pequena e:alternativos,pobres e sem experiência.Introduzimos as bonecas em algumas lojas feiras do

comercio solidário.

Entretanto, iniciativas como esta só tem efetividade de fato quando for implantada uma política macro econômica e social que possa abranger a cadeia produtiva como um todo. Como podemos conseguir autonomia se a matéria prima que utilizamos na produção das bonecas, como tinta, gases, cola entre outras, que é parte de outra lógica assim como a sua comercialização.

Claro que medidas de proteção e de apoio a este tipo de iniciativa, que envolvam incentivos Estatais possam dar viabilidade à práticas como estas. As ações relacionadas ao *mercado justo*, por exemplo, podem ajudar, pois abrange a cadeia produtiva em duas de suas pontas: a produção e a comercialização. Entretanto as relações com o mercado são regidas pela lei da oferta e da procura, portanto pela competitividade. Como produtos artesanais e ou realizados com técnicas alternativas podem competir em preço com produtos produzidos em grande escala?

Neste sentido me contraponho a aqueles que acreditam que a transformação do sistema produtivo no qual vivemos, hoje, se dará através de iniciativas das organizações não governamentais, de empresas responsáveis, de políticas econômicas protetivas para os excluídos e de alternativas de geração de trabalho e renda. Claro que estas iniciativas podem ser um ponto de partida - claro que o é - mas não é o de chegada. Porém, entre um ponto de partida e o de chegada há muitas mediações que podem e precisam serem feitas.

(Recebido para publicação março 2007)

(Aceito para publicação maio 2007)

Abstract: This text is about the contraposition between sustainable development and the contradictions generated from the capital-work, technological advance, preservation of the environment, poverty and social inequality relationship, resultant from the way of producing and reproducing of material, social and spiritual life in the contemporaneous capitalist societies.

We discuss how initiatives on sustainable technologies, sustainable development and solidary economy (income and work generation popular initiatives) can confront, or not, the current economic growing model.

As an example, the text reflects about the Doll's Atelier experience, an income and work generation initiative with recycle materials of *Refazendo Vínculos* (Rebuilding Bonds), university extension project of the Faculty of Social Work of the *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, Brazil, that work with teenagers at social and personal risk situation due to involvement in violence, transgression and drug cycle, developed by.

Key words: sustainable development; solidary economy; poverty and social inequality.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo, Cortez, 1997.

CASTELLS, Robert. *A insegurança social: O que é ser protegido*, Editora Vozes. 2005

DOWBOR, Ladislaw, IANNI, Octavio, RESENDE, Edigar. *Os desafios da globalização*. Petrópolis. RJ. Editora Vozes. 1997.

VIOLA, Eduardo ; LEIS, H. R. . *Gobernabilidad Global Pos-utopica, Medio Ambiente y Cambio Climático*. Nueva Sociedad (Venezuela), Caracas, n. 185, p. 174-196, 2003.

PAUGAM, Serge. *Desqualificação Social ensaio sobre nova pobreza*. Cortes Editora e Educ. S.P. 2003.

POCHMANN, Márcio. *Outra cidade é possível: Alternativas de Inclusão Social em São Paulo*. SP Cortez Editora, 2003.

LAVINAS. *Documento de Base Urb*, doc mimeografado. RJ. 2005.

MATTOSO, Jorge. *A Desordem do Trabalho*. São Paulo, Scrita, 1995.

SILVA, Jaqueline Oliveira. *Políticas Públicas Municipais de Trabalho e Renda na perspectiva da economia solidária*. in Serviço e Sociedade n. 69 ano XXIII p.107 a 120. Cortez Editora. SP. 2002.

TELLES, Vera, *Direitos Sociais: a afinal de que se trata?*. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

WANDERLEY, M.B.; BOGUS, L.M.M. E YAZBEK, M.C. *Desigualdade e Questão Social*. São Paulo, Educ, 2000.

YASBEK, Maria Carmelita. A ambigüidade da assistência social brasileira após dez anos da LOAS. *Revista Serviço social e Sociedade*. n.77, ano XXV, p.11 a 29. São Paulo. Cortez Editora, 2004.

